

Saúde Reprodutiva e Educação: Experiências do Projeto Mulher e Cidadania

(Eduardo Augusto Duque Bezerra, aluno do 4º Período de Ciências Biomédicas/UFPE. Colaboração de Simone Ferreira dos Santos, 9º Período do curso de Ciências Sociais)

O Que é o Projeto Mulher e Cidadania?

A importância da mulher no mundo atual determinou a expansão de projetos e estudos acerca de sua função na sociedade moderna em termos de participação e inserção. A liberdade da mulher está intimamente ligada a sua liberdade sexual, de forma que esta revolução ocorreu a partir do advento da pílula anticoncepcional. Além de tudo, a quantidade cada vez maior de órgãos de cunho equitativo e o mercado de trabalho sofrendo uma escassez de mão de obra em virtude das baixas nas duas guerras mundiais antecessoras forçaram a adoção da mão de obra feminina.

Daí em diante as mulheres passaram a ocupar cargos de exclusividade do sexo masculino, nas mais diversas áreas: serviço militar, construção civil, segurança pública; chefias, supervisões e coordenações. Porém esta mudança não atingiu a todas as mulheres, pelo contrário, uma parte significativa delas continua a agir da mesma forma que no início do século, principalmente as que estão mais longe dos centros urbanos mais populosos. Desta maneira, a exploração feminina e seu confinamento pela barreira virtual de sua sexualidade continuam sendo algo bastante real.

O Projeto Mulher e Cidadania (UFPE/MEC), teve a finalidade de promover o acesso das mulheres incluídas neste quadro de estagnação que parte delas ainda vive. Isto ocorre muito em função do local onde vivem e das tradições locais, favoráveis à manutenção deste estado. O trabalho compreendeu cinco municípios de todas as regiões do estado: Olinda (Região Metropolitana), Nazaré da Mata e Vitória de Santo Antão (Zona da Mata), Gravatá (Agreste) e Afogados da Ingazeira (Sertão).

Talvez em função das semelhanças nas condições econômicas e em seus meios sócio-culturais, o perfil das beneficiadas pelo projeto era também semelhante. O desenvolvimento desta proposta de conferir cidadania se dá por etapas: alfabetização, profissionalização, palestras e formação de cooperativas. Cada uma tem uma função especial no que concerne à formação da cidadã: a inserção intelectual no mundo conferida pelo conhecimento do ler/escrever, a inserção pelo conhecimento de uma profissão, a discussão de temas que afligem as mulheres e servem de exemplo na formação de uma consciência forte e atuante e a cooperação mútua no trabalho dando resultados por suas próprias mãos.

A saúde reprodutiva feminina constituiu-se num dos módulos de palestra e contou com a associação de duas visões distintas: a clínico-psicológica e o sócio-cultural. A interação destas duas visões complementou o que anteriormente era ministrado de forma individual. A valorização da história de lutas femininas, o conhecimento e o respeito pelo seu corpo e a reordenação dos papéis sexuais, foram temas abordados de forma preferencial pelo módulo. A distribuição feita desta forma promoveu uma maior consciência e facilitou o resgate do respeito e da cidadania destas mulheres.

Instrução x Saúde: Uma Interação de Força

Mais importante que propor, é provar o motivo da proposição. Para isto recorreremos aos números. Uma estatística séria promove um retrato da situação-alvo. E como provar estatisticamente esta influência tão íntima entre a instrução e a saúde? Exemplificando. O exemplo é a maior prova deste sucesso que de novidade não tem nenhuma. Não é preciso pensar muito para saber que a educação é o pilar de onde divergem todas as outras áreas.

Em uma pesquisa feita em quatro países (Peru, Marrocos, Quênia e Indonésia) nos fins dos anos 80, ficou provado de que forma uma permanência maior na escola influi na redução do risco de mortalidade infantil em crianças de até dois anos.

Esta pesquisa consta no relatório feito pela Fundação Getúlio Vargas para o Banco Mundial - 1993 (Investindo em Saúde). A comparação dos índices é feita com famílias sem nenhum ano de instrução e demonstra a redução na mortalidade por conta de uma educação mais duradoura.

A educação pode influenciar positivamente na saúde enquanto os pais tomam mais consciência de sua função enquanto controladores da higiene do filho. Este progresso é mais comumente notado entre as mulheres devido a uma relação mais intensa com o filho nestes dois primeiros anos de vida. Nota-se que as mães com um nível de instrução satisfatório lavam melhor a comida dos filhos e cuidam com mais consciência da sua higiene corporal.

Para uma criança nesta idade, recebendo as primeiras cargas infecciosas em contraste com seu sistema imunológico ainda em diversificação, esta influência tem uma importância valiosa. Um outro ponto de apoio nesta teoria é a sua serventia também na saúde dos adultos. Outra pesquisa do mesmo relatório realizada entre adultos de Porto Alegre, RS, em 1987, demonstrou a relação entre o grau de instrução e a redução de diversas ocorrências sanitárias registradas na época.

Est. 2: *Fonte: Achutti et alii, 1988*

Os adultos também são beneficiados de peso com esta interação. Nota-se uma diminuição substancial nos índices de afecções características desta faixa de idade. Este processo de educar para a saúde não passa senão de uma prevenção a longo prazo e de resultados duradouros. Os gastos são mínimos e evitam atitudes drásticas no futuro como medicação e internamentos.

Uma educação mais elaborada do ponto de vista de formar um cidadão mais consciente e participativo também amplia o poder das campanhas publicitárias voltadas para a saúde coletiva. No caso das campanhas contra o câncer de

mama, útero, pele e outros; no período da veiculação da campanha os locais responsáveis pelos exames preventivos demonstram um aumento notável de atendimentos. Porém ser for medido o índice logo após a retirada do comercial, os índices de procura são os mesmos de antes da campanha.

Na atual condição a população atende a um apelo publicitário como outro qualquer em virtude da aparição de seu ídolo televisivo ou de uma linguagem mais atraente. Seu efeito é fugaz e de impacto superficial, de forma que a informação não sai daquele meio específico. Numa população informada sobre o que acarreta o descuido com a saúde, a consequência de não se fazer um exame preventivo ou a proporção desta doenças em seu meio sócio-cultural, a campanha surte um efeito mais duradouro de forma a manter o indivíduo informado sobre aquele conhecimento anteriormente passado de forma didática. Converte o poder da propaganda em algo duradouro e conscientizador. Além de tudo a informação não fica estagnada, pois o grupo interioriza o conhecimento e tem a noção de passar a informação adiante, tornando-se um veículo ainda mais importante que a própria campanha.

Saúde Reprodutiva: Uma "Nova" Proposta em Termos de Educação Sexual

Quando o tema é saúde reprodutiva, imediatamente a educação sexual é lembrada. Talvez pela polêmica, talvez pela necessidade de sua prática. Seja qual for o motivo, a educação sexual passou, e de certa maneira ainda passa, por um processo de banalização resultante até da vulgarização do próprio sexo.

A realidade dá conta de que, apesar do homem (enquanto humanidade e não gênero) ser um ser sexual, este assunto ainda é renegado a termos pecaminosos. Talvez seja por isso que as escolas resistem tanto em incorporá-las ao seu quadro curricular. A observação feliz de Marcello Bernardi define bem a escola como sendo "dessexualizada e dessexualizante". Ainda mais, "a aceitação de experiências sexuais em seu interior, ou a aceitação de coloridos eróticos em seus programas, é considerada pouco menos que criminosa". É por conta desta mentalidade, não apenas escolar, mas do mundo desenhado fora de suas paredes, que as mulheres sofreram e ainda sofrem a repressão sexual de forma bastante intensa.

O que é o pouco de educação sexual passado hoje em dia nas instituições educacionais? É algo desencorajador, dado numa linguagem tão distante de sua realidade que torna-se monótono. Isto é explicado pelos anos a fio de reações exacerbadas aos estímulos sexuais. No momento o qual a criança começa a andar, falar ou escrever, seus atos são encorajados e levados adiante; porém quando a criança começa a descobrir seu corpo e sua sexualidade, a sensação de abominação causada pela atitude torna-a algo sujo e ligeiramente reprimido.

Neste caso, daremos no conceito de educação, que define muito bem o processo pelo qual o ser humano passa para fazer parte da sociedade. Segundo Nass, a educação entende-se por todo aquele processo com o qual se molda o aluno de maneira a prepará-lo para viver em harmonia com as regras codificadas na sociedade na qual está inserido. Resumindo, a educação, enquanto levada por este lado, é um meio pelo qual o ser se torna da forma como a maioria quer que ele seja.

Então, qual é a "nova" proposta? É uma série de medidas básicas, conhecidas a muito tempo. Uma delas respeita o respeito! Isto mesmo, respeita o respeito aos indivíduos de terem suas escolhas pessoais e sua responsabilidade em assumi-la. A repressão é decorrente de uma visão baseada no fato do relacionamento humano dar valor apenas ao desejo sentido pelo homem (agora como gênero), enquanto ser onipotente e determinante.

Tudo isto se dá por uma série de fatores sócio-culturais que, segundo Beach, são os processos de socialização do sexo e sexualização da sociedade. Motivo pelo qual o sexo tornou-se algo tão banal. Além de tudo a educação sexual se restringe apenas ao ato de se ter sexo, quando na realidade sua verdadeira função é orientar na impossibilidade de tê-lo. O ato sexual de forma alguma determina o que é ou não a sexualidade. A atividade é apenas uma pequena parcela disto tudo. Deve-se diminuir ao máximo a visão "sexofóbica e repressiva" da sociedade, como bem disse Maria Amélia Azevedo Goldberg.

A proposta do módulo de sexualidade em termos de educação sexual foi justamente a de abolir com estes vínculos repressivos que subjulgaram a mulher a um depósito sexual da humanidade. Antes de tudo, a filosofia do grupo, não era autoritária em passar a informação. O intuito da formação de seres pensantes não permitiu dizer o que era certo e o que era errado, a possibilidade de destruir a individualidade das mulheres inviabilizou esta prática. O grande trunfo foi a discussão.

Educação e Saúde Reprodutiva Feminina: Relação Comprovada Estatisticamente

Ao elaborar as palestras dos módulos a intenção foi a de atuar na educação para a saúde. A relação entre o grau de instrução e o desenvolvimento de ocorrências na área sanitária, foi uma base para determinar a penetração e fazer um prognóstico de como seria esta reação. Segundo estatísticas da BEMFAM (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil), diversos parâmetros foram analisados.

Quando observamos a evolução em três capitais da porcentagem de mulheres que já engravidaram, segundo o grau de instrução, a projeção foi a seguinte:

Est. 3: *Fonte: BEMFAM, 1989/1990*

A estatística demonstra que, quanto maior a instrução da entrevistada, menor o índice de gravidezes. De certa maneira isto indica uma maior preocupação em termos de planejamento familiar, por outro lado a população com menor instrução, no Rio de Janeiro, chega a 54% de mulheres grávidas. O índice é bastante alto em função de subentender que houve um descuido maior com sua preservação.

Porém o que há de mais curioso é a prevenção adotada por jovens de 15 a 24 anos em função da AIDS nas relações sexuais:

Fonte: BEMFAM, 1989/1990

Est. 4: *Fonte: BEMFAM, 1989/1990*

Apesar da publicidade em cima da camisinha para evitar a AIDS, os jovens, especialmente as mulheres, se mostram mais resistentes a seu uso e preferem ainda confiar num parceiro fixo ou em manter relações sexuais em pessoas de conhecimento. Em pesquisa realizada pelo mesmo órgão 59,4% dos homens de Recife disseram que a camisinha diminui o prazer sexual, enquanto que 23,8% das mulheres afirma o mesmo. Contraditório com os motivos da pesquisa anterior.

Muitos destes jovens têm pensamentos errôneos sobre a prática de determinadas atitudes preventivas. Desconhecem por exemplo que nem sempre o fato de se conhecer o parceiro impede a transmissão, tanto é verdade que o número de mulheres casadas contaminadas por seus maridos cresce a cada dia de forma exacerbada. Uma educação sexual coerente poderia mudar este quadro, não determinando o melhor meio de prevenir a proliferação de DSTs, especialmente a AIDS, e sim para que o jovem tenha uma certa uniformidade de pensamento evitando os conflitos pessoais. Conflitos estes são comuns à idade conhecida como da dúvida.

Em cidades onde o índice de adolescentes, como Nazaré da Mata e Gravatá, este tipo de abordagem foi de grande utilidade a medida que muitas dúvidas foram esclarecidas de forma clara pelos palestrantes. Muitos dos conflitos, porém, eram resultantes dos mitos e crendices criados em cima dos problemas do corpo.

Mito e Papel Sexual: Influência e Interferência

O indivíduo ao nascer já encontra seu papel social pré-estabelecido. Este papel ultrapassa as esferas biológicas em função do nível cultural do indivíduo e da particularidade de cada grupo populacional. O papel masculino predomina, enquanto que o da mulher é mais restrito e possui uma ascensão menor. O homem domina mais a esfera pública, enquanto a mulher, pelas conquistas, teve que se dividir entre o público e o doméstico. Ela tenta administrar sua vida social com as responsabilidades do lar, devido à incumbência da maternidade conferido à ela.

Por conta desta realidade, a educação dos filhos fica por conta do sexo feminino. Isto torna a mulher particularmente responsável por sua própria situação de repressão. Ela mesma, através da criação dos filhos, promove a manutenção do estado de domínio masculino, fazendo questão de diferenciar os papéis sexuais por conta própria. Este tipo de socialização está muito interiorizada.

Os meios contraceptivos encontram uma barreira ao lidar com os papéis sociais dos gêneros. O homem prova sua virilidade através da reprodução e a mulher por sua feminilidade. É por conta de sua função em regular o planejamento familiar que ela tem dificuldades em conciliar o mundo maternal com o público, em especial, o profissional.

Estatisticamente as mulheres ainda são mais radicais que os homens em relação a sua liberdade sexual. Segundo as estatísticas do BEMFAM nos anos de 1989/1990 demonstram isto:

Est. 5: *Fonte: BEMFAM 1989/1990*

O embate entre os contraceptivos x papel social surge através da educação. Há uma enorme quantidade de preceitos tradicionais na educação do homem e

da mulher e os mesmos possuem muitos mitos. Os mitos servem para tentar explicar o inexplicável social.

Certamente grande parte dos mitos se dá por influência das religiões. A partir do momento em que elas surgiram numa época dominada pelo empirismo ao invés da experimentação, a religião passou a atribuir poderes divinos ao inexplicável. Porém a interiorização dos conceitos religiosos é tão intensa que estes resistem e saem quase que inabalados do embate com a ciência mesmo quando ela prova aquilo que se determinou a fazer.

As religiões, principalmente as cristãs, hindus, muçulmanas e religiões do extremo oriente, tem uma grande parte de influência no legado sexual. O maldito e o bendito do sexo se confundem, promovem a culpa e relegam o sexo à uma função puramente procriativa. O homem/humanidade perdeu o direito de sentir o prazer sexual livre de qualquer conflito.

A mulher sofre mais intensamente o poder dos mitos. Obrigada por natureza a ser encarada como objeto de pureza e submissão, não raro é renegada a função do parto simples e puro. Tudo isto influiu de forma a tornar a mulher mais reprimida e a carregar uma carga pesada de culpa na sua criação. Por outro lado ela mesma passa aos filhos estes ensinamentos, perpetuando o reino masculino. Além de tudo a mulher é tida como a única responsável pela fidelidade, o que justifica, além de tudo, às agressões físicas "justificadas" sofridas por ela.

Educação Diferenciada: Uma Proposta de Risco

No relatório da Fundação Getúlio Vargas (1993), o Banco Mundial faz uma ressalva preocupante. Primeiramente porque Banco Mundial é uma instituição de grande poder de inserção e persuasão para o governo de qualquer país, depois pela proposta que, de certa forma, pode tomar uma proporção exclusiva, ao invés de aglutinadora.

Neste relatório, o Banco Mundial propõe que a reforma educacional se desenvolva de forma a aumentar os investimentos "principalmente na educação de meninas". Qual o risco que isto acarreta? Voltemos à estatística de mortalidade infantil anteriormente citada (Est. 1). É notória a influência da educação materna na redução do risco de mortalidade nesta faixa de idade. Porém isto se deve mais a quê? Simplesmente ao instinto maternal ou à pouca inserção masculina no tratamento dos filhos de forma a concentrar a higiene infantil quase que totalmente nas mãos das mulheres?

Quando se trata da redução de mortalidade infantil, devemos levar em consideração que, por mais que o homem esteja presente na criação, a mulher ainda seria o pilar, pois dela depende, pelo menos no primeiro anos de vida, a alimentação e a higiene do filho. Desta forma, tomemos outro ponto de vista.

Quando tratamos de relações humanas, temos que levar em consideração a convivência constante entre os dois sexos. Falemos de violência.

A violência na atualidade passou a ser um problema sanitário. A mulher sofre de forma particularmente humilhante este tipo de coação físico-moral-psicológica. Segundo dados do próprio Banco Mundial, uma faixa de 20-50% das mulheres de diversos países, industrializados ou em via de desenvolvimento, já tinham sido espancadas por seus parceiros. Isto sem falar nas agressões decorrentes fora do ambiente familiar e as não registradas. Nos EUA a violência domiciliar é a principal causa de traumas em mulheres que estão em período fértil, entre 22-35% das mulheres que procuram atendimento de emergência sofreram violência em casa. No demais, as pesquisas realizadas com estas mesmas mulheres detectaram que a probabilidade de tratamento psiquiátrico em pacientes espancadas é de quatro a cinco vezes maior que nas demais. Além disso, as mulheres agredidas tem cinco vezes mais probabilidade de cometer suicídio e são bem mais propensas ao alcoolismo, dependência de drogas e a dores crônicas e depressão.

A violência também atinge mulheres em estado gestacional. Em Matlab Thana, Bangladesh, entre 1976 e 1986, cerca de 6% das mortes foi causada por maltrato intencional durante a gravidez. Tomando-se estes parâmetros fica a questão: deve-se melhorar a educação do sexo masculino ou do feminino?

Quando se trata da questão de violência, um país que mantém quadros exorbitantes desta ocorrência, certamente tem um projeto educacional limitado no que diz respeito a noções básicas para manter um bom relacionamento entre os sexos, como uma orientação sexual que valorize, não como ponto principal o ato sexual propriamente dito, porém o mínimo de informações livres de preceitos míticos sobre o respeito ao corpo e ao indivíduo, ressaltando os papéis sexuais. A verdadeira orientação sexual ensina principalmente a como lidar com os impulsos corporais enquanto na impossibilidade de se ter sexo. Esta deficiência talvez seja a principal responsável pelos casos de estupro. Em Seul, 17% das mulheres declararam-se vítimas de estupro ou tentativa de estupro.

Além da função da orientação para a vida sexual, a noção de respeito ao corpo promove uma discussão sobre os direitos sobre ele. Isto proporciona algo muito pertinente quando se objetiva também a redução da agressão física entre os indivíduos.

Uma boa orientação sanitária voltada para a sexualidade também promove uma diminuição conjunta de DSTs entre o sexo masculino e feminino. Os índices de mulheres contraindo estas afecções está aumentando a cada dia por resistência dos esposos, proveniente de uma educação respaldada em tradições sócio-culturais, ao uso de preservativos, tanto nas relações conjugais quando nas extra-domiciliares.

Todos estes fatores constituem motivos suficientes quando se trata de contrariar a educação diferenciada. A educação deve ser melhorada num todo, promovendo a igualdade entre os sexos o quanto mais cedo possível. A

reestruturação da entidade educacional só surtirá os efeitos desejados a partir do momento no qual ela seja uniforme e imparcial. Qualquer tentativa de segmentação ou diferenciação pode ser prejudicial e, ao invés de avançar, pode tornar-se um retrocesso no sistema.

Projeto Mulher e Cidadania: Pano de Fundo na Discussão da Reforma Sanitária

Na realidade o módulo de saúde reprodutiva feminina do Projeto Mulher e Cidadania serviu de pano de fundo para uma discussão maior. Como melhorara a política sanitária de forma a não acarretar um ônus maior à máquina administrativa? Todas as análises tenderam para a educação como uma saída para uma boa reforma sanitária. A partir do momento em que se trata a saúde sem demagogia ou qualquer tipo de compromisso esta pode ser um veículo precioso na promoção de saúde e outros bens que fazem de um indivíduo cidadão.

A proposta de uma educação sexual que respeite a individualidade de cada um pode ser estendida à saúde pública em geral. a partir do momento no qual se respeita a situação de cada local, ele pode ser tratado de forma mais direta e com um maior conhecimento de causa. Por mais estatísticas que sejam mostradas (como foram neste estudo) o ser humano é mais que um número e sua saúde é algo tão particular que deve ser tratado na raiz.

Para isto é necessária uma reeducação para a saúde, não tornando a população um grupo de seres limpos e asseados, mas que eles saibam o porque isto precisa ser feito. O respeito ao cidadão passa pela preocupação com o seu estado intelectual. Apenas as máquinas podem receber ordens e cumpri-las se discussão.

Não é preciso só informar, a informação precisa ser interiorizada. Este é o motivo de termos campanhas sanitárias de efeito tão fugaz. Num instante a população atende a uma linguagem mais atraente ou a seu ídolo rádio-televisivo, no outro ele esquece do que foi incumbido a fazer. Basta que a campanha deixe de ser veiculada. A interiorização é importante a partir do momento em que o povo sabe o que está fazendo, que a falta ou deficiência acarreta e como pode evitar. Desta forma o efeito é mais duradouro.

Obviamente não se pode comparar o resultado do Projeto Mulher e Cidadania com algo de âmbito nacional, mas o exemplo dele e de tantos outros pode provocar um efeito potencializador, podendo atingir uma dimensão nacional a partir de uma interação entre os Ministérios da Saúde e Educação. Ao invés de proporem propostas semelhantes separadamente, a união dos mesmos pode causar um grande revolução na saúde pública brasileira.

O feitiço de uma nação depende sobretudo de um povo sadio e educado. Além de ser um direito da população é uma questão de bom senso o cumprimento de dever uma boa vontade político-administrativa no intuito de melhorar estas duas áreas tão deficientes. Resumindo, o desenvolvimento de um país depende principalmente da educação e da saúde. As fórmulas são várias, é função dos responsáveis escolher o melhor e mais rápido caminho. O tempo urge!